

DA TIRANIA DO INGLÊS

Diz o *Génesis*, no capítulo 11, que «em toda a terra, havia somente uma língua e empregavam-se as mesmas palavras»; mas os homens acharam que poderiam construir uma torre até ao céu e assim serem, juntos, mais poderosos. Deus, porém, não achou piada à ambição e confundiu-lhes a linguagem de modo que, daí em diante se não compreendessem uns aos outros. Logrou o povo romano ter uma língua quase universal no Ocidente, o Latim, e outra, no Oriente, o Grego. E assim, no continente europeu, o Latim perdurou como língua em que praticamente todos se entendiam durante a Idade Média e ainda no Renascimento os sábios era em Latim que se correspondiam.

Após a Revolução Francesa, não foram apenas os seus ideais que se propalaram, mas também o seu veículo, a língua. Deste modo, nos primórdios do século XX, as ementas dos hotéis eram em francês e o Francês foi língua dominante da Ciência até à década de 60 do século passado, uma vez que não dera resultado a experiência do Esperanto, promovida por Ludwik Lejzer Zamenhof, em 1887, com a intenção de 'reconstituir', de certo modo, essa língua universal que o Criador proibira. Vieram os Beatles e, em Junho de 1967, Scott McKenzie proclamava: «Be sure to wear *flowers in your hair*». E com as flores veio a língua, o inglês, que, pela enorme simplicidade da sua gramática e vocabulário («go out», sai, «go in», entra...), paulatinamente se foi substituindo ao francês, de gramática e vocabulário muito mais complexos. E há que confessar que o resultado é louvável, para que, no dia-a-dia, nos entendamos.

Mas uma coisa é entendermo-nos, outra é obrigarem-nos a entendermo-nos! Uma coisa é eu fazer investigação com os meus parâmetros mentais, o meu vocabulário específico, apropriado às ideias que quero expor, outra é obrigarem-me a usar um vocabulário pobre e a exprimir o resultado da minha investigação numa língua que não é a minha! Obrigação é sinónimo de atitude ditatorial, de que todos há muito abjurámos! E se «obrigar» implica também «avaliar», aí temos o caldo entornado! Quando um categorizado texto inovador é mediocrementemente avaliado pelas entidades académicas governamentais (e outras), só porque não está redigido em inglês, e um texto medíocre é superiormente classificado, só porque está em inglês (não importa se em inglês de computador ou inglês de Harvard) – tem a 'classe científica' o direito (e o dever!) de se revoltar contra essa tirania inconcebível. Nessa luta estamos, pois! E queremos vencê-la! ■

José d'Encarnação.